

EUROPA, ESPERANÇA E RENOVAÇÃO

Pedro Vaz Patto

Decorrem neste mês de maio eleições para o Parlamento Europeu. Talvez em nenhum outro momento da história do projeto de unidade europeia se tenha sentido uma tão acentuada crise de confiança nesse projeto. Depois de vagas sucessivas de alargamento da União Europeia, que revelaram como ela atraía um cada vez maior número de países e povos de várias zonas do Continente, eis que o governo do Reino Unido, em obediência ao resultado de um referendo, pretende abandoná-la (o tão discutido e acidentado *Brexit*). Em muitos países, as forças que ao projeto de unidade europeia, de um ou de outro modo, se opõem ganham cada vez mais força, a ponto de influenciarem cada vez mais os governos. A esperança e o entusiasmo que acompanharam as mais recentes adesões à União Europeia parecem ter-se esvanecido rapidamente.

Terá sentido, neste contexto, continuar a acreditar no projeto da unidade europeia?

É evidente que os progressos das comunicações, os problemas ambientais, a abertura das economias, reclamam formas de regulação num quadro político mais vasto do que o nacional. Por outro lado, o sentimento nacional permanece vivo nos povos europeus.

Encontrar um sentimento de pertença à Europa, que complete esse sentimento nacional sem o substituir, é um desafio que se coloca a políticos e cidadãos. Isso supõe uma consciência clara de valores comuns, enraizados na história, mas vividos hoje com autenticidade e coerência.

O pensamento social cristão pode dar um contributo para concretizar o mote da União Europeia: *unidade na diversidade*. Pode ajudar a conceber um *bem comum* europeu, que não se confunde com o bem da maioria, nem com a soma de interesses parciais, mas é o *bem de todos e de cada um*. Pode influenciar políticas inspiradas pelos princípios da solidariedade (alargada a toda a Europa, mas também ao mundo que a rodeia, para que ela não se torne uma "fortaleza") e da subsidiariedade (isto é, o respeito pela liberdade, iniciativa e responsabilidade das pessoas e das comunidades menores no confronto com as instâncias de âmbito mais vasto e central).

Os vários Papas, desde Pio XII a Francisco, vêm encorajando a unidade europeia. Há iniciativas de cristãos de várias denominações que se situam nessa linha, como *Juntos pela Europa*, a que a nossa revista já várias vezes se referiu.

Também nessa linha se situa a ação da Comissão dos Episcopados da

Comunidade Europeia (COMECE). A propósito das próximas eleições para o Parlamento Europeu, este organismo católico emitiu uma declaração (acessível em www.comece.org), onde se apela ao voto e se afirma a necessidade de redescoberta de uma identidade europeia comum e de reforço da solidariedade entre países e povos europeus. Aí se apontam como principais desafios com que se depara hoje a União Europeia: o desenvolvimento humano integral de pessoas, famílias e comunidades; a natalidade e o envelhecimento; a centralidade da pessoa perante as transformações inerentes à digitalização; o acolhimento e integração de migrantes e refugiados e o contributo europeu para a paz mundial; a proteção universal dos direitos humanos; a salvaguarda do ambiente e a justiça económica internacional.

E recordam esta declaração as palavras do Papa Francisco, numa conferência internacional que decorreu em outubro de 2017 no Vaticano, precisamente sobre o contributo dos cristãos para o futuro da Europa: «A União Europeia será fiel ao seu compromisso de paz, na medida em que não perder a esperança e souber renovar-se para responder às necessidades e às expectativas dos seus cidadãos». ●